



Diana Esteves Domingues

**EFEITO DO ESTEREÓTIPO E DO VALOR SOCIAL DOS ATRIBUTOS
NA CARACTERIZAÇÃO DE MEMBROS
DE “CLAQUES” E DE “GRUPOS DE JOVENS”**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
2011

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**EFEITO DO ESTEREÓTIPO E DO VALOR SOCIAL DOS ATRIBUTOS NA
CARACTERIZAÇÃO DE MEMBROS DE “CLAQUES” E DE “GRUPOS DE JOVENS”**

Diana Esteves Domingues

Outubro, 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pelo Professor Doutor Rui Serôdio (F.P.C.E.U.P.)

Resumo

Neste trabalho realizamos dois estudos tendo como racional teórico de referência a designada “abordagem da identidade social” (cf. Postmes & Branscombe, 2010) que compreende a Teoria da Identidade Social (e.g. Tajfel & Turner, 1986) e a Teoria da Auto-Categorização (Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987). Especificamente, partimos deste enquadramento teórico para analisarmos os processos de estereotipia e discriminação associados à forma como são representados e alvo de julgamento social os membros de grupos habitualmente designados por “cliques” de grupos desportivos (Silva, 1990; Williams, 1991).

No Estudo 1 recolhemos um conjunto de características que os participantes consideram que definem mais frequentemente os membros de dois grupos sociais habitualmente compostos por indivíduos jovens: as “cliques” e os designados “grupos de jovens”. Para tal, utilizamos uma técnica de evocação livre. Os resultados indicaram um conjunto de 19 dimensões que foram indicadas por pelo menos 10% da amostra. De entre estas seleccionámos as que seriam empregues no estudo subsequente.

No Estudo 2 testamos a ideia de que o julgamento social que é feito dos membros do grupo estereotipicamente negativo, as *Claques*, é diferente segundo o contexto sociocognitivo em que este é realizado. O mesmo não deverá acontecer relativamente aos membros do grupo cujo estereótipo é positivo, os *Grupos de Jovens*. Os resultados deste estudo experimental são globalmente consistentes com as nossas predições. Verificamos, por exemplo, que quando os participantes devem atribuir dimensões estereotípicas negativas às “Cliques”, estando focalizados apenas no grupo (i.e. no estereótipo grupal) atribuem mais estas dimensões de julgamento do que quando foram previamente focalizados no “valor absoluto” das mesmas. O mesmo não se verifica relativamente ao grupo-alvo estereotipicamente positivo, os “grupos de jovens”, cujo julgamento é independente do contexto. Este mesmo padrão é verificado na condição em que os participantes devem avaliar as “pessoas em geral”.

Abstract

In this work, we worked two studies, having as theoretic rational reference the so called Social identity approach (cf. & Branscombe, 2010), that comprises the Social Identity Theory (e.g. Tajfel & Turner, 1986) and the Auto - Characterization Theory (Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987). Specifically, we started from this theoretic global understanding to analyze the stereotypy and discrimination processes associated to how members of certain groups, in this case the football and other sports claques, are object of judgment and representation (Silva, 1990; Williams, 1991).

In Study number one, we collected a group of characteristics that the participants consider to be frequently assigned to two social groups usually of young people: the claques, and the designated youngsters. So we used the free evocation technique. The results show a group of 19 dimensions that were indicated by at least 10% of the group. Amongst them we chose those who would be used in the next study.

In study number two we tested the idea that the social judgment that suddenly is applied to the negative stereotyped group, claques, is different according to the socio-cognitive group in which it is applied. The same cannot be said about the positive stereotyped group, the youngsters. The results of this experimental study are globally consistent with our predictions. We verified that , for instance, when the participants must attribute negative stereotype to the Claques, focusing only in the group (group stereotype), they attribute more this judgment dimensions than when they are focused in the absolute value of the same. Although, this cannot be applied to the youngster, positive stereotyped group, which judgment is independent from the context. This pattern is verified in the condition that the participants must evaluate people in general.

Résumé

Dans ce travail, on a réalisé deux études ayant comme théorie rational de référence la désigné abordage de l'identité social (cf. & Branscombe, 2010), que comprend la théorie de l'identité sociale(e.g. Tajfel & Turner, 1986) et la théorie de l'auto caractérisation (Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987). Spécifiquement, on a parti de cet encadrement théorique pour analyser les procès de stéréotypie et discrimination associés a la façon dont les membres de groupes comme les claques sont habituellement représentées et jugés socialement (Silva, 1990; Williams, 1991).

Dans l'étude n° 1 on a récolté un groupe de caractéristiques que les participants considèrent que définent plus fréquemment les membres de deux groupes soucieux composés par des individus jeunes: les claques et les désignes groupes de jeunes. Ainsi, on a utilisé la technique de la livre évocation. Les résultats indiquent un groupe de 19 dimensions qu'on été utilisés par au moins 10% des participants. D'entre elles on a choisis celles qu'on allé utilisé dans l'étude suivant.

Dans l'étude n°2 on a testé l'idée que le jugement social fait pour les membres du group stéréotype négatif, les claques, est différent selon les contexte sociocognitif dans lequel il est réalisé. Le même ne doit succéder pour les membre du groupe a stéréotype positif , le groupe de jeunes. Les résultats de cet étude expérimental sont globalement consistants avec nos prédictions. On a vérifié, par exemple que quand les participants doivent attribuer des dimensions de stéréotype négatif aux claques, en se focalisant seulement dans le groupe (stéréotype groupal), ça arrive plus souvent que quand ils se fixent dans la valeur absolue des mêmes. Le même ne peu pas être vérifie pour le groupe a stéréotype positif, le groupe des jeunes, dans lesquels le jugement est indépendant du contexte. Cette tendance se vérifie aussi dans la condition dans laquelle les participants doivent évaluer les personnes en général.

Agradecimentos

Começo por agradecer ao Professor Rui Serôdio, pela sua paciência e dedicação que me transmitiu ao longo de todos os momentos da construção desta tese. Agradeço o seu entusiasmo perante os bons resultados e a objectividade com que trabalhava quando estes eram menos bons.

Agradeço, também, ao Pedro Sousa e à Joana Alves, por todos os momentos de batalha, alegria, desespero e alívio que vivemos em conjunto e que superamos. É sempre bom ter alguém ao nosso lado, que por muito diferente que seja, tenha o mesmo objectivo e passe pelas mesmas situações.

Agradeço à minha família, por toda a paciência, carinho e dedicação que tiveram comigo ao longo destes anos. Por todos os valores e tradições que me transmitiram sem nunca duvidarem de que eu era capaz de ultrapassar esta fase. Um carinho especial ao meu irmão por todas as horas que ouviu os meus devaneios, sem nunca se cansar de me dizer: “vais ver que ao passar, sabe bem”.

Agradeço a Elsa, pelos momentos em que me ajudou a concentrar, pelas diversões que me faziam esquecer as dificuldades, e pelas injeções de energia que me dava nos momentos menos bons.

E por último, mas tão ou mais importante que os outros, ao Nuno, por me fazer acreditar que não havia ninguém mais capaz que eu de fazer o trabalho a que me tinha proposto. Agradeço por todo o amor, paciência e interesse, que demonstrava de cada vez que lhe contava todas as minhas dificuldades e triunfos.

*“Os nossos amigos conhecem-nos na prosperidade.
Nós conhecemos os nossos amigos na adversidade.”*

(John Collins)

Índice

1.Introdução.....	2
2.Enquadramento Teórico do Trabalho.....	4
2.1.Teoria da Identidade Social.....	4
2.2.Teoria da Auto Categorização.....	7
2.3.Estereotipo, preconceito e discriminação.....	9
2.4.O fenómeno do hooliganismo.....	10
3.Estudo 1 – Dimensões Estudo 1 - Dimensões Estereotípicas acerca das Claques” e dos “Grupos de Jovens”.....	12
3.1.Método.....	12
3.2.Resultados.....	14
3.3.Discussão.....	19
4.Estudo 2 Estudo 2 – Caracterização de Membros de “Claques” e de “Grupos de Jovens”: Efeito do Estereótipo e do Valor Social dos Atributos.....	21
4.1.Método.....	23
4.2.Resultados.....	27
4.3.Discussão.....	31
5.Conclusão.....	33
6.Referências Bibliográficas.....	35
7.Anexos.....	38

Capítulo I

Introdução

A cultura moderna exagera por vezes a importância dada a determinados comportamentos associados a grupos sociais específicos. Por exemplo, quando se fala em “cliques”, uma das ideias que surge é a de que existem grupos de pessoas que apoiam de forma convicta e violenta um clube e/ou uma selecção. Pessoas essas, que a coberto desse apoio praticam actos violentos em locais públicos e, muitas vezes, dirigidos a pessoas ou grupos de pessoas específicos - por exemplo, os apoiantes de clubes rivais (e.g. Silva, 1990; Maniglio, 2007; Williams, 1991).

O racional teórico que sustenta os estudos realizados é apresentado no segundo capítulo. Começamos por apresentar sucintamente a Teoria da Identidade Social (e.g. Tajfel & Turner, 1986), nomeadamente os processos-base avançados pela mesma: Categorização social, Comparação social e Identificação social. De seguida, ainda no quadro da designada abordagem da identidade social, centramo-nos na Teoria da Auto – Categorização (e.g. Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987), nomeadamente nos processos de auto-categorização, auto-estereotipia e despersonalização que esta propõe para explicar os processos de afiliação grupal e de construção de uma identidade social. Na terceira parte deste enquadramento teórico, partindo da abordagem da identidade social, discutimos aspectos essenciais relativos aos processos associados à formação e utilização dos estereótipos, do preconceito e da discriminação. Finalmente, debruçamo-nos sobre o fenómeno do hooliganismo, discutindo principalmente as características que estão associadas aos membros destes tipos de grupos.

No terceiro capítulo, apresentamos o primeiro estudo no qual, através de uma técnica de associação livre, recolhemos um conjunto de características que os indivíduos consideram que definem os membros que pertencem aos grupos sociais habitualmente designados por “cliques” ou por “grupos de jovens”.

No quarto capítulo apresentamos o segundo estudo no qual testamos em que medida a forma como os indivíduos caracterizam as “cliques” e os

designados “grupos de jovens”, depende do contexto em que o devem fazer. Especificamente, testamos a ideia de que o julgamento das *Claques*, às quais está associado um estereótipo claramente negativo, é diferente consoante o contexto potencie a focalização do indivíduo no estereótipo acerca do grupo ou, pelo contrário, no valor absoluto das características que lhe são atribuídas. O mesmo não deverá suceder relativamente ao alvo *Grupo de Jovens*, ao qual deverão sempre ser atribuídas sobretudo características positivas.

Para finalizar, na conclusão apresentamos as principais reflexões deste trabalho, e sugestões para possíveis investigações futuras.

Capítulo II

Enquadramento Teórico do Trabalho

2.1. Teoria da Identidade Social

Dito muito sucintamente, a Teoria da Identidade Social (TIS) foi elaborada como uma abordagem aos processos grupais, mais concretamente aos fenómenos relacionados e inerentes às relações entre grupos. Ao abordar os processos de grupo subjacentes à construção, manutenção e reforço de uma identidade social positiva, a TIS realça o impacto que tem no comportamento do indivíduo o facto deste se auto-percepcionar como membro de categorias sociais, processo que resulta noutros como a procura de maximização da diferenciação intergrupala e da semelhança intragrupal, relativamente a comportamentos, conhecimentos e emoções (Tajfel & Turner, 1986; Hogg & Abrams, 1988).

Esta perspectiva sobre os processos de grupo diferencia-se de outras que a precederam, nomeadamente a abordagem dos pequenos grupos (e.g. Shaw, 1976), desde logo na própria definição do que é um grupo social. Para a TIS um grupo social existe quando dois ou mais indivíduos se auto-percepcionam, e são percebidos pelos outros, como membros de uma mesma categoria social, partilhando de algum modo um envolvimento emocional resultante dessa pertença comum. Ou seja, um grupo é visto socialmente enquanto tal se existir um determinado grau de consenso social, tanto no seio do mesmo como externamente, sobre aquilo que o grupo é e quais as características necessárias para pertencer ao mesmo (Tajfel & Turner, 1986).

Segundo a TIS os processos grupais (particularmente os intergrupais) têm origem em três aspectos centrais que se articulam entre si: a motivação para adquirir uma identidade social positiva; o facto de parte importante da estrutura da sociedade assentar em diferenças intergrupais de estatutos e também de poder; e a possibilidade de os indivíduos lidarem com os problemas associados a essa identidade por via de estratégias individuais ou colectivas (Turner & Reynolds, 2004).

Um dos pressupostos-base desta teoria é o de que os processos de grupo são determinados pela motivação dos indivíduos procurarem atingir, manter e, se possível, reforçar uma auto-imagem positiva. Ora esta, seja enquanto indivíduo, seja enquanto membro de um grupo, é definida com base no conjunto de conceitos que um indivíduo dispõe para se auto-definir. A parte do Eu que resulta das pertenças grupais corresponde à identidade social. Como acontece com qualquer outra “componente” do Eu, o indivíduo vai esforçar-se para que esta seja positiva, o que é alcançado, entre outras formas, pela diferenciação positiva do endogrupo relativamente a exogrupos relevantes (Turner & Reynolds, 2004).

De acordo com a TIS a construção do “eu social” implica a operação de três processos psicológicos-base: A categorização social, a comparação social e a identificação social e (e.g. Turner & Reynolds, 2004; Hogg & Abrams, 1988).

Categorização social. A categorização é um processo cognitivo imprescindível ao funcionamento do indivíduo enquanto ser humano. Essencialmente este processo permite a simplificação da percepção dos estímulos do ambiente: Corresponde à estruturação e organização de uma variedade de estímulos do ambiente em categorias, dando realce aos aspectos mais fundamentais e ignorando os demais (Hogg & Abrams, 1988).

Se o processo de categorização de estímulos do mundo físico é fundamental para a “economia” de recursos cognitivos, por seu turno a categorização social é imprescindível para o indivíduo lidar e relacionar-se com a complexidade de elementos do “mundo social” (Tajfel & Turner, 1986). A categorização social cria um sistema categorial de representações do ambiente na estrutura cognitiva dos indivíduos, produzindo critérios importantes para a percepção de acontecimentos exteriores ao indivíduo, segundo um sistema de categorias (Serôdio, 1999).

Na categorização social, como na categorização de objectos não sociais, ocorre um processo cognitivo que é designado de *acentuação perceptiva*. Este corresponde ao exagero das semelhanças entre os elementos que são agrupados numa mesma categoria e das diferenças entre os elementos que compõem categorias diferentes. Ou seja, na estruturação do mundo social, nomeadamente

dos indivíduos com os quais estabelecemos relações, procuramos maximizar perceptivamente as semelhanças intracategoriais e as diferenças intercategoriais. Este processo será mais evidente em algumas circunstâncias: nomeadamente, (1) quando está envolvida uma dimensão de categorização subjectivamente importante; (2) quando a integração do “Eu” numa categoria é subjectivamente importante; (3) quando o indivíduo é, à partida, membro de uma das categorias em presença; (4) quando restam ao indivíduo poucas pertenças grupais favoráveis (Tajfel, 1981).

Identificação Social. O processo de identificação social resulta da percepção do indivíduo de que é membro de uma dada categoria social. De acordo com Tajfel e Turner (1986, p.16) “os aspectos da auto-imagem de um indivíduo que derivam das categorias sociais a que percepçiona pertencer” correspondem à definição da identidade social. Apesar disso, o facto de pertencer a um grupo, não torna a categoria social como identificativa. Para tal é necessário que se cumpram determinadas condições: é necessário (1) que o indivíduo reconheça e aceite essa pertença como auto-definidora; (2) que lhe atribua significado, importância e valor; (3) que os demais reconheçam essa pertença grupal, ou seja, que possa ser validado por outrem (Hogg & Abrams, 1988). O indivíduo não tem que ter uma relação próxima com os restantes membros do grupo, nem tem que ter todos os seus interesses em comum com eles, tem apenas que achar que o seu grupo é diferente dos outros grupos e que é melhor (Abrams & Hogg, 1990).

De acordo com Tajfel (1981) a definição de uma identidade social implica três componentes: uma *componente cognitiva*, que remete para a categorização social ela mesma, e que tem subjacente o conhecimento de pertença grupal; uma *componente avaliativa*, que corresponde ao valor social associado a essa pertença grupal; e uma *componente emocional*, que corresponde às emoções geradas pelo valor atribuído pelos outros e pelo indivíduo ao grupo a que pertence.

Comparação social. Tajfel retoma a teoria da comparação social de Festinger (1954), nomeadamente o pressuposto de que existe no indivíduo uma motivação para se comparar com os demais na medida em que é através dessa comparação com outros que define o valor de si próprio. Contudo, enquanto

Festinger se refere à comparação social essencialmente como um processo que é facultado pela pertença a grupos sociais na medida em que estes facultam um “contexto” no qual o indivíduo se pode comparar com outros interpessoalmente semelhantes a si, para TIS os grupos sociais são em si mesmo o “objecto” da comparação social. Uma vez que o indivíduo se auto-percepciona, e é percepcionado pelos demais, enquanto membro de um grupo ou categoria social, o valor que é atribuído a essa pertença, ou seja o valor do seu “Eu social”, é definido pela comparação relativa do endogrupo com exogrupos relevantes. Portanto, a comparação é um processo psicológico “instrumental” para a definição da identidade social, particularmente do seu valor.

A motivação que leva o indivíduo a “procurar” um auto-conceito positivo, é análoga à motivação que o leva a procurar uma identidade social positiva. De acordo com a TIS, o valor da identidade social é sempre definido pela comparação social do estatuto do endogrupo com o estatuto de exogrupos relevantes. Em contextos intergrupais salientes são postas em marcha estratégias sociocognitivas que visam o objectivo último de legitimar, nem que seja subjectivamente, o valor positivo da nossa identidade social (e.g. Tajfel & Turner, 1986; Tajfel, 1981). Estas estratégias serão particularmente “sofisticadas” quando a identidade social é ameaçada, por exemplo por uma comparação intergrupar desfavorável. Portanto, é a “gestão” da identidade social que está na origem das atitudes e comportamentos grupais, desde o ubíquo *favoritismo endogrupal* até a extremos como o genocídio entre grupos.

2.2. Teoria da Auto-Categorização

Um dos principais desenvolvimentos da Teoria da Identidade Social é a Teoria da Auto-Categorização (TAC; cf. Postmes & Branscombe, 2010; Taylor & Moghaddam, 1994), que se centra na análise dos processos implicados na pertença psicológica a grupos ou categorias sociais, bem como os processos psicológicos subjacentes à definição de um sentido de Eu derivado dessa pertença, a identidade social (Turner et al., 1987). A TAC centra-se nos antecedentes, natureza e consequências da formação psicológica de um grupo,

nomeadamente os processos cognitivos subjacentes à construção da identidade social.

Aquelas duas teorias contrastam, entre outros aspectos, na forma como concebem o envolvimento do Eu no comportamento social. A TIS define que o envolvimento do Eu no comportamento social varia ao longo de um contínuo entre dois extremos opostos, o interpessoal e o intergrupar: O comportamento do indivíduo ou é puramente individual, ou é puramente determinado pelo “Eu grupal” (e.g. Tajfel & Turner, 1986). Em contraste, a TAC defende que o Eu está presente em todos os comportamentos sociais, mas funcionando a diferentes níveis de abstracção de acordo com os estímulos a que está sujeito no contexto sociocognitivo em presença (e.g. Oakes, Haslam & Turner, 1998).

Auto-categorização, auto-estereotipia e despersonalização. Tal como a TIS, a TAC situa a categorização social no centro de todos os processos grupais, mas também da construção de um sentido social de si. No entanto, a TAC acentua o papel do Eu enquanto objecto de categorização ele mesmo, ou seja, a *auto-categorização*: A auto-percepção enquanto membro de uma categoria social.

Segundo a TAC, quando o indivíduo tem de categorizar-se socialmente a si e aos demais, pode recorrer a diferentes níveis de abstracção. Entre estes são definidos um (1) *nível superordenado* – correspondente ao nível *interespécies* em que se categoriza o Eu como ser humano, salientando-se a identidade enquanto tal; (2) um *nível intermédio* – em que se salienta a identidade social, por definição do Eu como membro de um grupo, este corresponde ao *nível intergrupar*; e um (3) *nível subordinado* – em que se salienta a identidade pessoal, por diferenciação do indivíduo em relação aos outros também eles membros do endogrupo, correspondente ao *nível interpessoal* (Turner et al., 1987).

Quando a auto-categorização se opera ao nível intergrupar, o Eu é assimilado ao protótipo do endogrupo. Nestas circunstâncias são vincadas as semelhanças percebidas entre o indivíduo e os outros membros do grupo, acentuando-se a homogeneidade, coesão e consenso intragrupal. Este processo é designado de *auto-estereotipia*: A percepção dos outros e do próprio de acordo com o protótipo de categorias sociais (e.g. Abrams & Hogg, 1990).

Em consequência da auto-percepção em função de protótipos grupais ocorre o processo psicológico designado de *despersonalização*. Quando num contexto sociocognitivo se torna saliente para o indivíduo o carácter auto-inclusivo numa categoria social, o endogrupo passa a representar o *Eu*, do mesmo modo que este representa o endogrupo. É este processo psicológico de despersonalização do Eu que sustenta a construção da identidade social, um sentido colectivo de si (cf. Hogg, 2006).

2.3. Estereótipos, Preconceito e Discriminação

O processo de formação de categorias de objectos sociais, a categorização social, produz dois efeitos básicos, aos quais já foi feita referência anteriormente: A acentuação perceptiva, cuja distorção de percepção acontece de tal forma que as semelhanças intragrupais e as diferenças intergrupais são acentuadas, fazendo com que os membros do endogrupo sejam interpretados como mais semelhantes ao Eu do que os do exogrupo; e o viés endogrupal que promove a discriminação avaliativa e comportamental em favor do endogrupo (Oakes, Haslam & Turner, 1994).

Para a formação dos estereótipos, ambos os processos de acentuação perceptiva e viés endogrupal são fundamentais. Os estereótipos são generalizações sobre os indivíduos, baseadas na pertença categorial, são crenças enraizadas acerca de características presentes num determinado grupo que os definem e diferenciam dos membros doutro grupo. São generalizações de valor que podem ser favoráveis ou desfavoráveis. No entanto, existe uma tendência para associar estereótipos favoráveis ao endogrupo e estereótipos desfavoráveis ao exogrupo (Hogg & Abrams, 1988).

Pela sua própria natureza, o preconceito quebra a unidade fundamental entre as pessoas. De acordo, com Allport (1954, cit in Hogg & Vaughan, 2008) preconceito é uma atitude ou sentimento face a uma pessoa unicamente porque essa pessoa pertence a um grupo cujas qualidades ou características são negativas de acordo com as previamente estabelecidas como positivas. A

abordagem da identidade social sugere que os preconceitos e estereótipos são o resultado de um processo racional e adaptativo que serve funções sociais fundamentais, sobretudo propósito grupais. Estes dois processos são concebidos enquanto expressões do conhecimento colectivo. São o resultado de processos sociais, psicológicos e históricos que fazem com que a compreensão colectiva do indivíduo acerca de si, dos indivíduos, dos seus grupos e das relações intergrupais sejam facilmente orientáveis (Turner & Reynolds, 2004).

Quando existe uma diferenciação muito específica entre categorias, torna-se fundamental e absolutamente necessário distinguir positivamente o endogrupo e motivar para alcançar e manter uma identidade social positiva. Será necessário salientar que isto não implica que haja um tratamento negativo do exogrupo. A procura desta identidade social positiva não é um indicador da inevitabilidade e irracionalidade do viés endogrupal e das atitudes negativas face ao exogrupo, mas está na base do preconceito e de discriminação intergrupais (Brewer & Hewstone, 2004).

2.4.O fenómeno do hooliganismo

A palavra *hooligan* deriva da palavra céltica “Houlihan”, nome pelo qual era conhecida uma família irlandesa, que se tornou conhecida pelos seus comportamentos anti-sociais, durante o séc. XIX, na zona Este de Londres (Silva, 1990; Marsh, Russer & Harré, 1978). Apesar de inicialmente o conceito de hooligan ser apenas usado pelas vítimas de certos comportamentos tidos pelos fãs de futebol, passou mais tarde a ser utilizado também pelos adeptos para se referirem aos indivíduos que, para mostrar o seu apoio ao clube, tinham comportamentos anti-sociais dignos de elogios (Marsh, Russer & Harré, 1978).

Entre alguns dos incidentes mais marcantes da era Hooligan, está aquele acontecido a 29 de Maio de 1985 no Estádio de Heysel na Bélgica onde logo no início do jogo da final da taça dos campeões europeus disputado entre o Juventus e o Liverpool ocorreram confrontos gravíssimos. Os adeptos da equipa inglesa passaram a barreira de segurança imposta pela polícia, entrando em confronto

com as claques da equipa adversária tendo tido como resultado 39 mortos e mais de 600 feridos. Esta data foi determinante para que a polícia fosse obrigada a tomar medidas de segurança reforçadas antes, durante e após os jogos. De entre as medidas estão a proibição da entrada de certos objectos no estádio, a colocação das claques em locais estratégicos durante o jogo, e o controlo/acompanhamento das claques.

Essencialmente a partir desse momento, os hooligans começaram a ser estudados e depois de alguns estudos, a polícia britânica concluiu que existem três tipos de adeptos: o típico fã; o fã que perante determinadas circunstâncias, como por exemplo o álcool, se pode tornar violento; e o *hooligan*, que pratica a violência independentemente do sucesso da equipa (Sullivan, 2001).

O hooligan, apoiante incondicional do seu clube e da sua selecção, é diferenciado dos restantes adeptos pelo tipo de vestuário, pelas tatuagens relacionadas com o clube que representa, pelos cânticos de apoio (Silva, 1990) e pelo excessivo consumo de álcool e/ou droga (Maniglio, 2007). Pertencendo à classe operária, apresenta um baixo nível de formação académica, e um historial de violência pessoal (Silva, 1990; Maniglio, 2007; Williams, 1991).

Caracterizado, na maioria das vezes, como sendo um fenómeno resultante das características individuais, o hooliganismo é definido por Marsh, Russer e Russé (1978) como um conjunto de comportamentos de grupos organizados, que obedecem a determinadas regras e a determinados estatutos, isto é, dependendo do seu empenho nos confrontos com outros grupos os indivíduos podem subir na hierarquia do próprio grupo. Da mesma forma, grupos rivais se souberem os limites uns dos outros conseguem evitar confrontos físicos violentos, pois acima de qualquer confronto está em causa o ser preso.

Maniglio (2007) defende que a violência é utilizada pelos hooligans não só como forma de defender a sua honra, mas também como forma de apoiar o clube, isto é, quanta mais violência for gerada/ quanto mais agressivos forem os cânticos maior é a probabilidade da equipa que eles apoiam vencer. Desta forma, são realizados encontros violentos entre as claques rivais em lugares previamente combinados antes e depois dos jogos (Silva, 1990; Williams, 1991).

É possível encontrar indivíduos que fazem parte destes grupos de apoio, que não defendem a violência, e que não se consideram hooligans. Todavia, no momento em que a polícia avança para controlar as pessoas que estão a ter actos violentos, estes membros deixam de ver os outros como exogrupo e passam a ver a polícia como tal (Stott, Adang, Livingstone, Schreiber, 2007).

Capítulo III

Estudo 1 - Dimensões Estereotípicas acerca das “Claques” e dos “Grupos de Jovens”

O primeiro estudo do presente trabalho tem por objectivo recolher as características que os indivíduos consideram que definem os indivíduos que pertencem aos grupos sociais habitualmente designados por “claques” ou por “grupos de jovens”. Para o efeito utilizámos um procedimento de evocação livre, através do qual o participante devia indicar, num texto de complexidade que dependia apenas dele próprio, como caracteriza as pessoas que são membros destes grupos. Uma vez estabelecidos os “conteúdos lexicais” que mais frequentemente são associados a cada um dos grupos-alvo, estes serão posteriormente empregues no Estudo 2.

Foram realizadas duas versões do mesmo questionário. Na primeira versão era solicitado ao participante que evocasse características relacionadas com os membros de uma “claque”. A instrução era a seguinte: “Em seu entender, quais as características que melhor descrevem os membros das ‘claques’ que desenvolvem actividades associadas, por exemplo, a um determinado clube desportivo?”. Na segunda versão era solicitado que evocasse características relacionadas com membros dos “grupos de jovens”. A instrução era a mesma, alterando-se apenas a parte relevante [“(…) ‘grupos de jovens’ que desenvolvem actividades associadas, por exemplo, a uma determinada comunidade ou região?”].

3.1. Método

Participantes. A amostra do estudo é composta por 60 participantes (47 do sexo feminino e 12 do sexo masculino) com idades compreendidas entre os 16 e os 52 anos ($M = 23.60$, $DP = 8.38$). A média de idades é equivalente nas duas condições experimentais (*Grupo de Jovens*, $M = 23.66$, $DP = 8.74$; *Claques*, $M =$

23.55, $DP = 8.15$; $t_{56} < 1$). A distribuição do Sexo dos participantes é equivalente nas duas condições experimentais, $\chi^2 (N = 59, 1) = 1.51, ns$.¹

Procedimento. Os participantes foram abordados em locais públicos ou em salas de aula e foi-lhes solicitado que participassem num estudo sobre “(...) as características que identificavam os membros do grupo presente no questionário”. O participante dispunha de 15 linhas para registar a sua resposta (ver Anexo 1). Cada participante respondia apenas a uma versão do questionário, não tendo conhecimento da existência de versões diferentes.

Portanto, neste estudo manipulámos o factor *Grupo-Alvo* em duas condições experimentais inter-sujeitos: *Grupo de Jovens* vs. *Claques*. O número de participantes é o mesmo por condição ($n = 30$).

Acordo entre juízes. As evocações relativas aos dois grupos-alvo foram sujeitas a dois procedimentos com o objectivo de eliminar conceitos “redundantes”. Em primeiro lugar, efectuámos um tratamento de sinonímia sobre as palavras ou expressões que eram susceptíveis deste tratamento. Para tal recorremos a um dicionário de língua portuguesa de ampla utilização.² Posteriormente, estas mesmas evocações foram submetidas a um acordo entre 3 juízes com o objectivo de agrupar conceitos similares que haviam sido evocados por palavras diferentes. Este procedimento aplicou-se apenas aos conceitos que não eram passíveis de agrupar por sinonímia. Foram empregues os seguintes critérios: (1) as palavras seriam agrupadas quando existia acordo entre pelo menos 2 dos juízes; (2) a redacção do “agrupamento” relativo a um conceito era definida, na generalidade dos casos, pela resposta mais frequente de entre as que foram agrupadas; (3) a forma como foi redigido cada um dos conceitos, sujeito ou não a acordo entre juízes, teve em consideração a sua posterior utilização no Estudo 2.

¹ Dois participantes não indicaram a *Idade* e um deles não indicou o *Sexo*.

² Foi utilizado o dicionário Lello Universal (1988).

3.2.Resultados

Produção lexical total. Os participantes evocaram o total de 354 conceitos nas duas condições experimentais, seja na forma de palavras isoladas, frases curtas ou expressões. Em média, o número de palavras ou expressões evocados por participante é de $M = 5.90$, $DP = 2.15$ ($Min = 2$, $Max = 11$).³

Redundância lexical. Dos procedimentos de sinonímia e de acordo entre juízes resultou o total 307 evocações diferentes produzidas pelos sujeitos: em média os participantes produziram cerca de 5 “conceitos” diferentes, $M = 5.12$, $DP = 1.52$ ($Min = 2$, $Max = 10$).⁴ O número de conceitos diferentes utilizados pelos participantes para caracterizar as “claques”, $M = 5.33$, $DP = 1.79$, ou os “grupos de jovens”, $M = 4.90$, $DP = 1.18$, não difere significativamente ($t_{58} = 1.11$, ns).

Comparando a produção lexical total dos participantes com o número de conceitos diferentes que lhe são subjacentes, podemos obter um valor de “redundância” dessa produção. Para este efeito criámos um *Índice de Redundância Lexical* (IRL) que corresponde à divisão do total da produção lexical (PLT) do participante, pelo número de conceitos diferentes que lhe estão associados (i.e., a produção lexical de conceitos diferentes, PLD): $IRL = PLT / PLD$. Ou seja, quanto mais alto for o valor de IRL, maior é a redundância lexical do participante. Ou seja, mais vezes são “utilizadas palavras diferentes para dizer a mesma coisa”. O valor mínimo de IRL é de 1, quando não existe redundância. Os valores acima de 1 representam, na prática, a percentagem de redundância da produção lexical do indivíduo. Por exemplo, um participante que produza 11 palavras ou expressões que após análise do seu conteúdo são agrupadas em 8 “conceitos”, tem um IRL de 1.38. Ou seja, 38% do que disse é redundante ($3/8 = .38$).

O valor médio do IRL para a amostra total é de $M = 1.14$, $DP = 0.16$. Ou seja, 14% de toda a produção lexical é redundante. Comparando este valor com o

³ Este valor não varia em função do Sexo, $t(57) = 1.47$, ns , nem da Idade, $r = -.09$ ($N = 58$).

⁴ Este valor não varia em função do Sexo, $t(57) = 1.15$, ns , nem da Idade, $r = .02$ ($N = 58$).

de “não redundância (=1) verificamos que, apesar de aparentar ser baixo, este é significativo, $t(59) = 6.60, p < .001$.

A análise ao conteúdo da produção lexical resultou em 96 “conceitos” diferentes utilizados pelos participantes para caracterizar os grupos-alvo: 58 para os grupos de jovens e 66 para as claques. Estes 96 resultam de um total de 242 conceitos evocados pelos participantes. Ou seja, cerca de metade das evocações dos participantes (48.98%) eram, no entender dos juízes, e de acordo com a sinonímia, conceitos equivalentes. A lista final destes 96 conceitos diferentes evocados relativamente às Claques ou aos Grupos de Jovens é apresentada no Anexo 2.

Conceitos Evocados em Função do Grupo-Alvo: Claques vs. Grupos de Jovens. Comparando as duas condições experimentais, verificamos que a produção lexical não difere entre elas, $t(58) = 0.96, ns$ (respectivamente, *Grupo de Jovens*, $M = 5.63, DP = 1.63$; *Claques*, $M = 6.17, DP = 2.57$). O mesmo se verifica no IRL, $t(58) < 1$. Ou seja, não se “repetem” mais ao caracterizar as “claques”, $M = 1.14, DP = 0.17$, do que os “grupos de jovens”, $M = 1.14, DP = 0.15$.

Quadro 1

Características evocadas: Evocação total e por Grupo-Alvo (Grupos de Jovens vs. Claques)

Característica	Σ	$M^{(1)}$ (= %)	Grupo-Alvo		χ^2 (1)	Critério de selecção Estudo 2		
			Grupos de Jovens M (f)	Claques M (f)		1 (GJ=C)	2 (GJ>C)	3 (GJ<C)
1. Unidos	18	.30	.27 (8)	.33(10)	< 1	✓	-	-
2. Espírito de grupo	14	.23	.10 (3)	.37(11)	5.96**	-	-	✓
3. Criativos / Inovadores	12	.20	.27 (8)	.13(4)	1.67, <i>ns</i>	✓	-	-
4. Amigos / Companheiros	11	.18	.20 (6)	.17(5)	< 1	✓	-	-
5. Motivados	11	.18	.13 (4)	.23(7)	1.00, <i>ns</i>	✓	-	-
6. Dinâmicos / Activos	10	.17	.30 (9)	.03(1)	7.68**	-	✓	-
7. Determinados / Com garra	9	.15	.13 (4)	.17(5)	< 1	✓	-	-
8. Interessados / Preocupados	9	.15	.23 (7)	.07 (2)	3.27†	(2)		
9. Fanáticos	9	.15	-	.30(9)	10.59***	-	-	✓
10. Empreendedores / Com iniciativa	8	.13	.23(7)	.03(1)	5.19*	-	✓	-
11. Alegres	8	.13	.10 (3)	.17 (5)	1.00, <i>ns</i>	✓	-	-
12. Voluntários/ Disponíveis/ Prestáveis	8	.13	.23(7)	.03(1)	5.19*	-	✓	-
13. Solidários	8	.13	.27(8)	-	9.23**	-	✓	-

Quadro 1

Características evocadas: Evocação total e por Grupo-Alvo (Grupos de Jovens vs. Claques)

<i>Característica</i>	Σ	$M^{(1)}$ (= %)	Grupo-Alvo		χ^2 (1)	Critério de selecção Estudo 2		
			<i>Grupos de Jovens</i> M (f)	<i>Claques</i> M (f)		1 (GJ=C)	2 (GJ>C)	3 (GJ<C)
14. Esforçados/ Empenhados/ Trabalhadores	7	.12	.20(6)	.03(1)	4.04*	-	✓	-
15. Submissos	7	.12	.03(1)	.20(6)	4.04*	-	-	✓
16. Agressivos	7	.12	-	.23(7)	7.93**	-	-	✓
17. Altruístas	6	.10	.20(6)	-	6.67**	-	✓	-
18. Coesos	6	.10	-	.20(6)	6.67**	-	-	✓
19. Apoiantes	6	.10	-	.20(6)	6.67**	-	-	✓

Notas: †, $p < .07$; *, $p < .05$; **, $p < .01$; $p < .001$; O critério de selecção de cada característica evocada para o Estudo 2 é assinalado com um “visto” (✓); (1) Na prática, a média numa escala 0-1 corresponde à percentagem de valores 1, i.e. a percentagem de “presenças” de cada item; (2) O item 8 não foi incluído por ser já o sétimo.

Seleção de Itens para Utilização no Estudo 2. Como descrito anteriormente, o objectivo principal deste primeiro estudo foi o de recolher um conjunto de “descritores” acerca dos dois *Grupos-Alvo*, que seriam posteriormente empregues no Estudo 2. Os critérios de selecção dos itens a reter para o estudo 2 foram os seguintes: (1) o item devia ter percentagem de evocação de pelo menos 10% numa das condições experimentais; (2) seriam seleccionados um grupo de itens que não diferenciavam os dois grupos-alvo em termos de índice de evocação; (3) dois outros grupos seriam compostos por itens que eram significativamente mais evocados em cada um dos grupos-alvo; (4) a lista completa seria composta por um múltiplo de 3, mas caso fossem demasiados os itens que cumprem os critérios anteriores, a lista devia ser restringida a 21 itens.

No Quadro 1 apresentamos o conjunto de 19 itens que cumprem os três primeiros critérios.⁵ Entre estes, verificamos a existência de 6 que são significativamente mais evocados na condição em que o grupo-alvo é “grupo de jovens” [itens “dinâmicos/ activos, empreendedores/com iniciativa, voluntários/ disponíveis/ prestáveis, solidários, esforçados/ empenhados/ trabalhadores, altruístas”; menor $\chi^2(1, N = 60) = 4.04, p = .04$] e outros tantos que são significativamente mais evocados na condição em que o grupo-alvo é “cliques” [itens espírito de grupo, fanáticos, submissos, agressivos, coesos, apoiantes; menor $\chi^2(1, N = 60) = 4.04, p = .04$]. Finalmente, há 7 itens que são evocados de forma equivalente nas duas condições [itens “unidos, criativos/inovadores, amigos/companheiros, motivados, determinados/com garra, interessados/preocupados, alegres”; maior $\chi^2(1, N = 60) = 3.27, p = .07$]. Contudo, decidimos excluir o item 8 (“Interessados / Preocupados”) por este ser o que menos diferencia entre os dois grupos-alvo. Em suma, foi seleccionado um conjunto de 18 itens para ser empregues no Estudo 2, sendo que todos eles são evocados pelo menos por 10% dos participantes.

⁵ No Anexo 3 apresentamos a lista completa dos 96 conceitos e sua distribuição de evocação em função da condição experimental.

3.3. Discussão

O presente estudo serviu plenamente o seu propósito, permitindo-nos seleccionar um conjunto de 18 dimensões frequentemente associadas a cada um dos grupos-alvo, ou a ambos. É este conjunto de itens que será empregue no estudo experimental que realizámos subsequentemente.

Numa abordagem genérica à produção lexical que apresentamos no Quadro 1, podemos verificar que, em princípio, apenas três das 19 dimensões têm valência negativa. Referimo-nos, concretamente às seguintes características: *fanáticos*, *submissos* e *agressivos*. Ou seja, atendendo ao “valor absoluto” das dimensões mais frequentemente evocadas para os grupos-alvo, facilmente se chega à conclusão que, afinal, ambos estes grupos são caracterizados por meio de um conjunto de atributos positivos. É verdade que aquelas três características são quase exclusivamente (apenas num caso não é) evocadas para descrever as clagues. Contudo, a respeito deste grupo são evocadas um grande número de características que em termos absolutos têm valência inequivocamente positiva do ponto de vista social. Por exemplo, 33% dos participantes a quem foi pedido que descrevessem os membros das *Claques* dizem que estes são “unidos”, 23% dizem que são pessoas “motivadas”, 17% dizem que são pessoas “determinadas” e “amigas e companheiras” e ainda “alegres”. Tudo características que são tanto evocadas para este grupo como para os “grupos de jovens”, em relação aos quais as pessoas consideram mesmo que nas clagues existe mais “espírito de grupo” (37% vs. 10%). De facto, há 12 características que são evocadas por mais de 10% dos participantes para descrever as clagues. E destas 9 são características positivas!

Ou seja, com base nos resultados obtidos por meio de evocação livre, concluiríamos que o estereótipo das *Claques* não é tão positivo como o dos *Grupos de Jovens*, apenas porque lhes são atribuídas três dimensões com um valor social negativa. De todo o modo, é evidente a conclusão de que o valor global das dimensões evocadas mais frequentemente para as clagues permite concluir que lhes é atribuído um valor positivo. Ora esta conclusão contrasta claramente com o que antes discutimos acerca deste tipo de grupos.

No Estudo 2, procuramos testar em que medida este resultado é dependente do contexto sociocognitivo no qual o indivíduo se pronuncia acerca de um grupo social. São processos psicológicos distintos a evocação de características relativamente a um determinado grupo social (que depende, por exemplo, da familiaridade acerca do mesmo) e a atribuição de determinadas características a esse grupo (mais sujeita a processos de estereotipia, dependentes do valor social que lhes é associado).

Capítulo IV

Estudo 2 – Caracterização de Membros de “Claques” e de “Grupos de Jovens”: Efeito do Estereótipo e do Valor Social dos Atributos

Este segundo estudo visa saber em que medida o modo como as pessoas caracterizam dois grupos sociais habitualmente compostos por indivíduos jovens, as “claques” e os designados “grupos de jovens”, mas com “actividades de grupo” bem distintas é afectado pelo contexto em que devem efectuar o julgamento acerca dos mesmos. Concretamente, testamos a ideia de que o julgamento social do grupo que tem uma “imagem social” claramente negativa, as *Claques*, é diferente consoante o contexto potencie a focalização do indivíduo no estereótipo acerca do grupo ou no valor absoluto das características que lhe deve atribuir. O mesmo não deverá suceder relativamente ao alvo *Grupo de Jovens*, ao qual está associada, como vimos pelos resultados do Estudo 1, uma imagem social claramente positiva.

Com base nas características evocadas com a técnica de associação livre empregue no primeiro estudo, construímos um questionário no qual os participantes deviam assinalar em que medida cada uma das características apresentadas se aplicava ao grupo-alvo *Claques* ou aos *Grupos de Jovens*, ou ainda às *pessoas em geral* (factor inter-sujeitos Grupo-Alvo). Contudo, manipulámos o contexto em que a atribuição destas características era efectuada, através da ordem das tarefas que os participantes deviam realizar (factor inter-sujeitos Ordem). Numa condição experimental a primeira tarefa era justamente a atribuição do que designámos de *dimensões estereotípicas* ao grupo-alvo. Uma vez concluída esta tarefa era-lhes pedido que dissessem qual o valor que atribuem a cada uma dessas dimensões (condição *Grupo-Alvo/Valência das Dimensões*). Portanto, nesta condição os participantes julgavam o grupo-alvo num contexto que activava essencialmente o estereótipo acerca dele. A atribuição das várias dimensões ao grupo - que têm valor social diferente - deverá ser essencialmente determinada pelo estereótipo mais ou menos positivo que têm acerca do grupo em si mesmo. Se o estereótipo é positivo deverão atribuir

fortemente características positivas, mas se este for negativo o mesmo deve suceder com as características que são negativas.

Noutra condição, a ordem das tarefas era a inversa (condição *Valência das Dimensões/Grupo-Alvo*). Aqui os participantes deviam atribuir as mesmas dimensões estereotípicas ao grupo-alvo num contexto sociocognitivo que activava, antes de mais, o valor de cada uma das dimensões. A primeira tarefa era a definição do valor de cada uma das características. Portanto, neste contexto, quando atribuíam as características ao grupo-alvo, faziam-no estando activado o valor das mesmas. Assim, torna-se saliente para o indivíduo o facto de estar a atribuir ao grupo características com um determinado valor. Em nosso entender, isto é particularmente relevante no que concerne as características negativas: É activada a percepção de estar a atribuir algo negativo ao alvo. Em consequência, nesta condição, o julgamento dos grupos-alvo é menos afectado pelo estereótipo dos mesmos, pois os participantes estão mais “conscientes” do processo em curso.

Com base no que acima apresentamos as nossas predições são as seguintes: (1) O valor que é atribuído às dimensões estereotípicas (*Valência das Dimensões Estereotípicas*) utilizadas não é afectado pelo contexto de julgamento que é construído experimentalmente; pelo contrário, (2) a atribuição das dimensões estereotípicas aos grupos-alvo depende tanto do grupo-alvo a que são atribuídas como do contexto em que o devem fazer. Concretamente, (3) as dimensões estereotípicas que têm *valência positiva* deverão ser menos atribuídas às *Claques* do que aos *Grupos de Jovens* (mesmo aquelas que foram evocadas como estereotípicas daquele grupo); (4) inversamente, deverão ser mais fortemente atribuídas às *Claques* do que aos *Grupos de Jovens* as dimensões estereotípicas de *valência negativa*; (5) contudo, este padrão apenas se deverá verificar quando a atribuição das dimensões é realizada antes de ser definido o seu valor (condição com a ordem *Grupo-Alvo/Valência das Dimensões*). Finalmente, como, na generalidade, as várias dimensões estereotípicas utilizadas estão fortemente associadas a pertenças grupais, (6) a atribuição das mesmas às “pessoas em geral” deverá ser menor, sejam elas positivas ou negativas, e independente da ordem em que esse julgamento é efectuado.

4.1.Método

Participantes. A amostra do estudo é composta por 119 participantes (84 do sexo feminino e 34 do sexo masculino) com idades compreendidas entre os 18 e os 69 anos ($M = 25.55$, $DP = 7.37$). Tanto o Sexo [$\chi^2(5, N = 119) = 1.34$, *ns*] como a Idade são equivalentes através das condições experimentais ($F(5, 110) = 1.19$, *ns*).⁶

Procedimento e plano experimental. Os questionários foram obtidos de duas formas: *presencial* ou pela *internet*. Na primeira opção, os participantes foram abordados em locais públicos e foi-lhes solicitado que participassem num estudo sobre “(...) a caracterização dos membros do grupo presentes no questionário”. Quando os dados eram recolhidos pela *internet* os participantes começavam por receber um e-mail onde lhes era solicitando que preenchessem um questionário para o qual era disponibilizada uma ligação directa. O questionário era idêntico nas duas formas de recolha dos dados, no qual era solicitado ao participante que caracterizasse os elementos de um grupo-alvo, que variava em função das condições experimentais.

Neste estudo manipulámos o *Grupo-Alvo* que os participantes deviam avaliar: numa condição o alvo era *Grupos de Jovens* e noutra eram as *Claques*. Os participantes deviam assinalar em que medida o conjunto de 18 dimensões que foram seleccionadas a partir dos resultados do Estudo 1 se aplicam na descrição do grupo-alvo. Numa terceira condição os participantes deviam proceder de modo similar para relativamente às “pessoas em geral”. Esta é uma condição de *Controlo*. Contudo, a atribuição das dimensões ao grupo-alvo variava em função do factor *Ordem*: numa condição os participantes assinalavam primeiro em que medida um conjunto de dimensões se aplicam ao grupo-alvo e posteriormente definiam a valência que atribuíam às mesmas dimensões (*Grupo-Alvo/ Valência das Dimensões*); na outra condição procediam de modo inverso, ou seja, começavam por definir a valência das dimensões que posteriormente deviam atribuir ao grupo-alvo (*Valência das Dimensões /Grupo-Alvo*).

⁶ Três participantes não indicaram a *Idade* e um deles não indicou o *Sexo*.

Portanto, o plano factorial é um 3 (Grupo-Alvo: *Grupos de Jovens* vs. *Claques* vs. *Controlo*) x 2 (Ordem: *Grupo-Alvo/Valência das Dimensões* vs. *Valência das Dimensões/Grupo-Alvo*). O número de participantes por condição varia entre $n = 16$ e $n = 24$, $\chi^2 (2, N = 119) = 1.14, ns$. A *Fonte* de recolha dos dados (*Presencial* vs. *Internet*) é equivalente através das 6 condições experimentais, $\chi^2 (5, N = 119) = 5.53, ns$.

Medidas Dependentes⁷

Valência das dimensões estereotípicas comuns aos “grupos de jovens” e às “claques”. Em função dos resultados do Estudo 1, foi seleccionado um conjunto de 6 dimensões que foram equitativamente evocadas para descrever ambos os grupos-alvo. Estas dimensões são: unidos, criativos/inovadores, amigos/companheiros, motivados, determinados/com garra, alegres. Os participantes deviam avaliar a valência de cada uma das dimensões: “(...) indique como avalia, em termos gerais, cada uma delas (...). Seremos [*valência das dimensões/grupo-alvo*] é:” (1 = Extremamente negativo, 9 = ... positivo; ver Anexo 4). A consistência interna destas 6 dimensões é elevada, α de *Cronbach* = .82. Assim, criámos uma medida correspondente à média destes itens.

Valência das dimensões estereotípicas evocadas para os “grupos de jovens”. As 6 dimensões que no Estudo 1 foram significativamente mais evocadas para descrever os “grupos de jovens” apresentam também um elevada consistência interna, $\alpha = .83$. Criámos uma medida correspondente à média destes itens.

⁷ Não efectuámos uma Análise em Componentes Principais (ACP) sobre o conjunto das 18 medidas porque o número de participantes não o permitia. De facto, a amostra é de $N = 119$, o que seria perfeitamente ajustado para efectuar esta ACP, contudo, por construção experimental, cerca de metade dos participantes atribuíram o valor “em absoluto” às 18 dimensões depois de ter sido criado um contexto sociocognitivo em que procederam à atribuição dessas dimensões a um grupo-alvo. Ou seja, estes não são equivalentes aos cerca de 60 que, efectivamente, atribuíram um “valor absoluto” a cada dimensão sem que fosse evocado qualquer contexto adicional.

Quadro 2

Valor atribuído às dimensões estereotípicas (Estudo 2).

<i>Dimensão</i>	<i>M (DP)</i>
Evocadas para descrever ambos os grupos-alvo	
Alegres	7.83 (1.22)
Amigos/Companheiros	8.14 (1.21)
Unidos	7.73 (1.20)
Motivados	7.80 (1.25)
Determinados/Com garra	7.66 (1.32)
Criativos/Inovadores	7.58 (1.30)
<i>Total</i>	<i>7.79 (0.91)</i>
Evocadas para descrever os “grupos de jovens”	
Dinâmicos/Activos	7.86 (1.32)
Solidários	7.86 (1.20)
Empreendedores/Com Iniciativa	7.75 (1.31)
Esforçados/Empenhados/Trabalhadores	7.91 (1.28)
Voluntários/Disponíveis/Prestáveis	7.72 (1.21)
Altruístas	6.89 (1.93)
<i>Total</i>	<i>7.66 (1.00)</i>
Evocadas para descrever as “claques” – com valência positiva	
Espírito de Grupo	7.70 (1.27)
Apoiantes	7.37 (1.35)
Coesos	7.55 (1,25)
<i>Total</i>	<i>7.54 (1.01)</i>
Evocadas para descrever as “claques” – com valência negativa	
Fanáticos	3.42 (2.35)
Agressivos	2.55 (1.98)
Submissos	2.85 (1.74)
<i>Total</i>	<i>2.94 (1.56)</i>

Nota: Os valores variam entre 1 = extremamente negativo e 9 = Extremamente positivo.

Valência das dimensões estereotípicas evocadas para as “claques”. A análise à consistência interna das 6 dimensões que foram significativamente mais evocadas para descrever as “claques” é muito baixa, $\alpha = .40$. Este valor não é surpreendente se analisarmos o seu conteúdo. De facto, como corrobora o valor que lhes foi atribuído pelos participantes, 3 desses itens têm valência positiva e os restantes têm valência negativa. Efectuando a devida partição dos itens obtemos

os seguintes valores de consistência interna: nos primeiros é de $\alpha = .68$, e nos 3 itens de valência negativa é de $\alpha = .65$.⁸ Neste caso criámos duas medidas correspondentes às médias dos dois conjuntos de 3 itens.

Atribuição das dimensões estereotípicas comuns aos “grupos de jovens” e às “cliques”. Os participantes deviam atribuir a mesmas 6 dimensões que foram equitativamente evocadas para os “grupos de jovens” e para as “cliques” ao grupo-alvo que lhe era apresentado. Consoante a manipulação do factor *Grupo-Alvo* deviam fazer essa atribuição aos “grupos de jovens” ou às “cliques” ou às “pessoas em geral”. Segundo a manipulação da *Ordem* essa atribuição era feita previamente ou posteriormente a terem-lhe atribuído um valor absoluto (*Grupo-Alvo – Valência das Dimensões* vs. *Valência das Dimensões – Grupo-Alvo*). A instrução era a seguinte: “Abaixo apresentamos um conjunto de características que as pessoas podem exibir. Tendo em conta aquilo que conhece, indique em que medida considera que cada uma dessas características se aplica ... [às pessoas em geral; ao que habitualmente se designa por “cliques”; ... “grupos de jovens”] (1 = Não se aplica nada; 9 = Aplica-se completamente). A consistência interna dos 6 itens é elevada, $\alpha = .87$, pelo que criámos uma medida correspondente à sua média.

Atribuição das dimensões estereotípicas evocadas para os “grupos de jovens”. Os participantes deviam proceder do modo descrito na medida dependente anterior relativamente às 6 dimensões que no Estudo 1 foram mais evocadas para descrever os “grupos de jovens”. A consistência interna destas medidas é de $\alpha = .89$. Criámos também uma medida correspondente à média dos 6 itens.

Atribuição das dimensões estereotípicas evocadas para as “cliques”. Tal como nas medidas de valência das dimensões, a consistência interna das dimensões que foram mais evocadas para descrever as “cliques” é baixa, $\alpha = .49$. Como naquele caso, particionamos esta medida em duas diferentes: atribuição das 3 dimensões de valência positiva, $\alpha = .82$; atribuição das 3 dimensões de

8 A correlação média entre os 3 itens é de $r = .42$ e $r = .38$, respectivamente. Por exemplo, com o mesmo valor de inter-correlação, uma escala com 6 itens apresentaria um valor de $\alpha = .81$ e $\alpha = .79$, respectivamente [$\alpha = k^*r_{média} / 1 + (k-1)^*r_{média}$].

valência negativa, $\alpha = .64$.⁹ Criámos duas medidas correspondentes às médias dos dois conjuntos de itens.

4.2. Resultados

Através das várias análises que abaixo reportamos, controlamos o efeito da Fonte (*Presencial* vs. *Internet*), entrando-a como covariante. Como não se verificaram efeitos significativos desta variável, por uma questão de síntese, optámos por apresentar estes efeitos em notas de rodapé relativas a cada análise.

Valência das dimensões estereotípicas. Relativamente à valência atribuída às múltiplas dimensões de avaliação empregues no estudo, prevíamos que esta não varia em função dos factores do plano experimental. Ou seja, o valor que os participantes atribuem a cada um dos quatro conjuntos de dimensões é independente tanto da Ordem em fazer esse julgamento, como do Grupo-Alvo ao qual as devem atribuir. Consistente com esta predição, verificamos que as ANOVAS efectuadas para cada um dos conjuntos de dimensões não revelaram quaisquer efeitos significativos (maior efeito, $F(1, 122) = 3.95$, *ns*).¹⁰

Adicionalmente efectuámos uma ANOVA de medidas repetidas para comparar a valência atribuída a cada um dos quatro conjuntos de dimensões estereotípicas. Esta análise revelou diferenças significativas no valor atribuído a cada um deles, $F(1.38, 161.84^{11}) = 69.10$, $p < .001$, $\eta^2 = .37$.¹² Como podemos constatar pelo padrão das médias de cada conjunto de dimensões apresentadas no Quadro 2, foi atribuída valência negativa a apenas um dos conjuntos de dimensões que no Estudo 1 haviam sido mais frequentemente evocadas para descrever as Claques: Dimensões *Evocadas para descrever as “claques” – com valência negativa*, $M = 2.94$, e estas têm valor inferior aos demais 3 conjuntos (menor $t(118) = -25.24$, $p < .001$). Entre os restantes conjuntos de dimensões, a valência que lhes é atribuída é sempre muito positiva (a menor média é de 7.54),

⁹ A correlação média entre estes 3 itens é de $r = .37$. Com o mesmo valor de inter-correlação, uma escala com 6 itens apresentaria um valor de $\alpha = .78$.

¹⁰ Maior efeito da covariante *Fonte* através das quatro ANOVAS, $F(1, 112) = 2.21$, *ns*.

¹¹ Variante Greenhouse-Geisser para dados “não-esféricos”.

¹² Maior efeito da covariante *Fonte*, $F(1.38, 161.84) = 2.26$, *ns*.

contudo entre estes também se verificam diferenças significativas: Os participantes atribuem um valor mais positivo ao conjunto composto pelas seis dimensões *Evocadas para descrever ambos os grupos-alvo*, $M = 7.79$, do que aos restantes (menor $t_{118} = 2.39$, $p = .018$). Mas é atribuído igual valor aos conjuntos de dimensões *Evocadas para descrever os "grupos de jovens"*, $M = 7.6$, ou *Evocadas para descrever as "cliques" – com valência positiva*, $M = 7.54$ ($t_{118} = 1.50$, *ns*).

Atribuição das dimensões estereotípicas. Resumindo as nossas predições relativamente à atribuição das dimensões estereotípicas aos alvos de cada uma das condições experimentais, estas são as seguintes: (1) Relativamente às dimensões para as quais eles próprios definiram uma *valência positiva*, os participantes deverão atribuí-las menos às *Claques* do que aos *Grupos de Jovens*, mesmo aquelas que foram evocadas como estereotípicas daquele grupo (dimensões *Evocadas para as Claques – Valência positiva*); (2) inversamente, os participantes deverão atribuir mais às *Claques* do que aos *Grupos de Jovens* as dimensões estereotípicas de *valência negativa*; (3) Contudo, este padrão apenas se deverá verificar quando a atribuição das várias dimensões é operada antes de os participantes definirem o seu valor (na condição com a ordem *Grupo-Alvo/Valência das Dimensões*). Como as várias dimensões estereotípicas têm implícita uma forte componente social associada a pertenças grupais, (4) a atribuição das mesmas na condição relativa às "pessoas em geral" deverá ser menor, e independente da manipulação da ordem. Ou seja, as nossas predições implicam a ocorrência de uma interação entre os factores do plano experimental, em cada um do conjunto de dimensões estereotípicas.

No Quadro 3 apresentamos as médias e desvios-padrão da atribuição de cada uma das dimensões estereotípicas através das condições do nosso plano 3 (Grupo-Alvo) x 2 (Ordem). As ANOVAs que efectuámos para a atribuição de cada um dos quatro conjuntos de dimensões revelaram os seguintes efeitos: (1) *Evocadas para ambos Grupos-Alvo, com Valência positiva – Grupo-Alvo*, $F(2, 112) = 17.38$, $p < .001$, $\eta^2 = .24$; *Grupo-Alvo x Ordem*, $F(2, 112) = 3.72$, $p = .027$, $\eta^2 = .06$; (2) *Evocadas para os "Grupos de Jovens", com Valência positiva – maior efeito* $F(2, 112) = 1.70$, *ns*; (3) *Evocadas para as "Clique", com Valência*

positiva – Grupo-Alvo, $F(2, 112) = 18.70$, $p < .001$, $\eta^2 = .25$; Grupo-Alvo x Ordem, $F(2, 112) = 3.63$, *ns*; (4) *Evocadas para as “Claques”, com Valência negativa* – Grupo-Alvo, $F(2, 112) = 10.99$, $p < .001$, $\eta^2 = .16$; Grupo-Alvo x Ordem, $F(2, 112) = 7.24$, $p = .001$, $\eta^2 = .12$.¹³ Ou seja, encontramos a interação requerida pelas nossas predições no primeiro e no quarto conjunto de dimensões.

Quadro 3

Atribuição das dimensões estereotípicas em função dos factores Grupo-Alvo e Ordem

		Grupo-Alvo		
		“Grupos de Jovens”	“Claques”	Controlo
Evocadas para ambos grupos-alvo - Valência Positiva -	Alvo-Valor	7.03 (1.03) ^a	6.24 (1.42) ^b	5.62 (1.31) ^b
	Valor-Alvo	6.75 (1.22) ^a	7.18 (1.09) ^a	5.16 (1.19) ^b
Evocadas para os “Grupos de Jovens” - Valência Positiva -	Alvo-Valor	6.59 (1.18)	5.73 (1.67)	5.87 (1.30)
	Valor-Alvo	5.93 (1.38)	6.20 (1.60)	5.45 (1.16)
Evocadas para as “Claques” - Valência Positiva -	Alvo-Valor	6.47 (0.98) ^a	6.72 (1.48) ^a	5.65 (1.55) ^b
	Valor-Alvo	6.41 (1.39) ^b	7.26 (1.34) ^a	4.75 (1.32) ^c
Evocadas para as “Claques” - Valência Negativa -	Alvo-Valor	3.65 (0.88) ^c	6.53 (1.35) ^a	4.58 (1.76) ^b
	Valor-Alvo	4.63 (1.47)	5.24 (2.40)	5.71 (1.10)

Notas: Os valores variam entre 1 (*Não se aplica nada*) e 9 (*Aplica-se completamente*); Caracteres diferentes indicam diferenças significativas a $p < .05$, nos testes t que comparam os três grupos-alvo entre si, em cada uma das condições do factor Ordem.

Para testar as nossas predições devemos decompor a interação em função do factor *Ordem*. Relativamente ao primeiro conjunto de dimensões estereotípicas verificamos que há diferenças significativas entre as condições do factor Grupo-Alvo, $F(2, 57) = 5.83$, $p = .005$, tanto na ordem Alvo-Valor, como na ordem Valor-Alvo, $F(2, 56) = 15.98$, $p < .001$. Como podemos verificar no Quadro 3, o padrão de médias na condição Alvo-Valor confirma a nossa predição: Os participantes atribuíram as dimensões estereotípicas *evocadas para ambos os*

¹³ Em todas as análises o efeito da covariante *Fonte* é de $F(1, 112) < 1$.

grupos-alvo, com valência positiva menos às *Claques* (6.24) do que aos *Grupos de Jovens* (7.03), mas tanto àquele grupo como às “*peças em geral*” (5.62). As diferenças na condição em que a ordem é *Valor-Alvo* indicam apenas que estas dimensões são menos atribuídas às “*peças em geral*” (5.16) do que a qualquer um dos dois *grupos-alvo*.

A decomposição da interação no quarto conjunto de dimensões (*Evocadas para as “Claques”, com Valência negativa*) mostra que há diferenças significativas entre as condições do factor *Grupo-Alvo* apenas na condição com a ordem *Alvo-Valor*, $F(2, 57) = 19.44, p < .001$ (na condição *Valor-Alvo*, $F(2, 56) = 2.07, ns$). Como podemos verificar no Quadro 3, esta diferença mostra que, como prevíamos, as dimensões de valência negativa são mais fortemente atribuídas às *Claques* (6.53) do que aos *Grupos de Jovens* (3.65) e também mais do que às “*peças em geral*” (4.58).

Em suma, as nossas predições relativas às diferenças de médias entre as condições do plano experimental confirmaram-se em dois dos quatro conjuntos de dimensões estereotípicas retirados dos Estudo 1. Contudo, embora a interação não seja significativa, podemos verificar que há um outro conjunto de dimensões que apresenta um padrão de médias consistente com a nossa predição (*Evocadas para os “Grupos de Jovens”, com Valência positiva*).

4.3. Discussão

Em termos globais, os resultados deste segundo estudo foram de encontro às nossas predições. Isto é, na situação em que pedíamos aos indivíduos para primeiro atribuir as características referidas às *Claques* e só depois é que davam um valor absoluto a essas mesmas características (condição com a ordem *Grupo-Alvo/Valência das Dimensões*), as dimensões estereotípicas de valência negativa foram mais fortemente atribuídas, do que na situação em que primeiro davam o valor absoluto. Comprovou-se, igualmente, que as dimensões de valência positiva, mesmo as evocadas como estereotípicas deste grupo, foram menos atribuídas às *Claques*. Ou seja, como previsto, os participantes parecem ter funcionado com base no estereótipo mais naquela condição experimental do que nesta última.

Parece-nos relevante assinalar a possibilidade de as dimensões estereotípicas que foram empregues neste estudo poderem ser agrupadas segundo uma tipologia alternativa. Por exemplo, podemos considerar que o que foi designado por (1) características evocadas para ambos os Grupos-Alvo (alegres, amigos / companheiros, unidos, motivados, determinados / com garra, criativos / inovadores) têm implícita, globalmente, uma *dimensão emocional*; as (2) características evocadas para os *Grupos de Jovens* (dinâmicos / activos, solidários, empreendedores / com iniciativa, esforçados / empenhados / trabalhadores, voluntários / disponíveis / prestáveis, altruístas), têm subjacente uma *dimensão agêntica*, implicam uma acção social; as (3) características evocadas para as *Claques* – valência positiva - (espírito de grupo, apoiantes, coesos) são dimensões próprias dos grupos; finalmente (4) as características evocadas para as *Claques* – valência negativa - (fanáticos, agressivos, submissos) são características que habitualmente podemos atribuir tanto a grupos sociais como a indivíduos, independentemente de quaisquer pertenças grupais. Ora, também assumindo esta tipologia alternativa, os resultados deste estudo são consistentes com a ideia de que os indivíduos aos estarem perante um grupo que consideram, à *priori*, como negativo, tenderão a atribuir características negativas e, inversamente, menos características positivas, aos seus membros se tal julgamento for realizado num contexto que activa apenas o estereótipo grupal como critério de referência. Quando o contexto activa outros critérios sociais alternativos, por exemplo quando, como neste estudo, é activado o valor intrínseco das dimensões de julgamento, tais critérios podem moderar o julgamento que é efectuado de um grupo, mesmo quando a este está associado um estereótipo claramente negativo.

Capítulo V

Conclusão

Os resultados do Estudo 1 demonstram que apesar das *Claques* serem estereotipicamente caracterizadas como grupos negativos (Maniglio 2007), quando são objecto de uma caracterização livre, a maioria das dimensões que as pessoas são capazes de evocar para as caracterizarem tem valência positiva (por exemplo, “unidos”, “espírito de grupo”, “amigos”, “motivados”). De facto, neste estudo, das 12 características que são evocadas por mais de 10% dos participantes para descrever as *Claques*, 9 delas são características positivas. Este resultado facultava evidência indirecta consistente com a ideia que pretendíamos testar neste trabalho: Em que medida o facto de as pessoas terem que atribuir características previamente estabelecidas a grupos positivos ou negativos, poderia variar por estarem perante uma situação de focalização no grupo ou no valor absoluto da característica.

No segundo estudo, utilizando os itens que foram evocados por mais de 10% por cento dos indivíduos no estudo anterior testamos a existência de (1) um estereótipo negativo acerca das *Claques*, sendo este (2) mais forte quando a focalização prévia é feita no alvo (interacção apenas existe neste *Grupo-Alvo*). Os resultados foram consistentes com o previsto, verificando-se que as dimensões estereotípicas de valência negativa foram mais fortemente atribuídas às *Claques* na situação em que primeiro viam o Grupo-Alvo, e depois davam o valor absoluto às características. Comprovou-se, igualmente, que as dimensões de valência positiva, mesmo as evocadas no primeiro estudo como estereotípicas deste grupo, foram menos atribuídas às *Claques* do que aos restantes Grupos-Alvo testados (*Grupo de Jovens* e pessoas em geral).

Em termos globais, uma das interpretações que podem ser dadas a estes dados é o facto de que as pessoas ao se darem de conta que deram uma cotação elevada às características negativas (*Valência das Dimensões/ Grupo-Alvo*) sentem-se na “obrigação” de dizer que essas mesmas características não se aplicam muito às *Claques*. Ou seja, é activada uma *norma de não-discriminação*.

Contrariamente, quando primeiro lhes é pedido para caracterizarem o Grupo-Alvo e só depois têm que dar um valor absoluto às mesmas características, o julgamento dos grupos-alvo é feito num contexto que activa o estereótipo dos mesmos. Em consequência, o julgamento dos alvos tende a ser consistente com estes últimos, atribuindo mais fortemente as características estereotipicamente negativas, que são socialmente mais salientes e portanto, percebidas, como mais “diagnósticas” de quem as possui.

Referências Bibliográficas

- Abrams, D., & Hogg, M.(1990) *Social identity theory – Constructive and critical advances*. Grã-Bretanha: BPC Wheatons Ltd.
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117-140.
- Hogg, M. A. (2006). Social identity theory. In Burke, P. J. (Ed.). *Contemporary Social Psychological Theories* (pp. 111-128). Stanford, California: Stanford University Press.
- Hogg, M. A., & Vaughan, G. M. (2008). *Social Psychology*. Harlow, England: Pearson Education Ltd.
- Hogg, M. A., & Abrams, D. (1988). *Social identifications - A social psychology of intergroup relations and group processes*. Guildford: Biddles Ltd.
- Lello, J., & Lello, E. (1988). *Lello universal. Dicionário enciclopédico luso-brasileiro*. Porto: Lello & Irmão.
- Maniglio, R. (2007). The hooligan`s mind. *Journal of Forensic Sciences*, 52, 204-209.
- Marsh P., Rosser, E., & Harré R. (1978). *The rules of disorder*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Oakes, P., Haslam, S.A., & Turner, J.C.(1994). *Stereotyping and social reality*. Oxford: Blackwell.
- Oakes, P., Haslan, S.A., & Turner, J.C. (1998). The role of prototypicality in group influence and cohesion: Contextual variations in the graded structure of social categories. In S. Worchel, J.F. Morales, D. Páez, & J.C. Deschamps (Eds), *Social identity: International perspectives* (pp.75-92). London: Sage Publications Ltd.

- Postmes, T., & Branscombe, N. (2010). Sources of social identity. In T. Postmes & N. Branscombe (Eds.), *Rediscovering social identity* (Key readings in social psychology, pp. 1-12). New York: Psychology Press.
- Serôdio, R. (1999). *Reacção ao desvio nos grupos e homogeneidade normativa: Efeitos da categorização social e da uniformidade do grupo* (Tese de Mestrado). Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Shaw, M. E. (1976). *Group dynamics: The psychology of small group behavior*. New York: McGraw-Hill.
- Silva, R. (1990). *Fifa world cup: Itália 90: Preceitos, curiosidades e conceitos*. Lisboa: Edição do Autor.
- Stott, C., Adang, O., Livingstone, A., & Schreiber, M. (2007). Variability in the collective behaviour of england fans at euro2004: 'Hooliganism', public order policing and social change. *European Journal of Social Psychology*, 37, 75-100.
- Sullivan, J. (2001). Gangs, hooligans, and anarchists – The vanguard of network in the streets. In John Arquilla & David Ronfeldt (Eds.) *NetWorks and NetWars* (pp.99-126). Santa Monica: Rand.
- Tajfel, H. (1981). *Grupo humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H., & Turner, J.C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel & W.G. Austin (Eds.), *Psychology of Intergroup Relation* (pp. 7-24). Chicago II: Nelson – Hall Publishers.
- Taylor, D. M., & Moghaddam, F. M. (1994). *Theories of intergroup relations: international social psychological perspectives*. London: Praeger.
- Turner, J.C., Hogg, M.A., Oakes, P.J., Reicher, S.D., & Wetherell, M.S. (1987) *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. London: Blackwell.

Turner, J.C. & Reynolds, K.J. (2004) The social identity perspective in intergroup relations: Theories, themes and controversies. In M. Brewer & M.A. Hewstone (Eds.) *Self and Social Identity* (pp 259 - 277). Cornwall: Blackwell Publishing.

Williams, J. (1991) When violence overshadows the spirit of sporting competition. Italian football fans and their sports clubs. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 1, 23-28.

Anexos

Anexo 2

Conceitos agrupados após procedimentos de sinonímia e acordo de juízes

Total de conceitos diferentes: 96

Total de evocações: 354

N. de conceitos agrupados: 242

Conceito: Unidos

N. evocações: 20

N. de conceitos agrupados: 4

1. Unidos (sujeito 2)
2. União (sujeito 3)
3. União (sujeito 5)
4. União (sujeito 8)
5. União (sujeito 9)
6. União; Irmandade (sujeito 12)
7. Muito unidos (sujeito 15)
8. União (sujeito 19)
9. Unidas (sujeito 20)
10. Unidos; Cúmplices (sujeito 22)
11. União (sujeito 23)
12. Pessoas unidas (sujeito 29)
13. União (sujeito 35)
14. União (sujeito 37)
15. União (sujeito 38)
16. Unidos (sujeito 44)
17. União (sujeito 53)
18. Unidos (sujeito 54)

Conceito: Espírito de grupo

N. evocações: 19

N. de conceitos agrupados: 14

1. Espírito de equipa (sujeito5)
2. Facilmente se organizam e trabalham em grupo; Sensíveis ao espírito de equipa (sujeito8)
3. Espírito de grupo; Pensamento colectivo (sujeito12)
4. Sentimentos que partilham pelo seu grupo (sujeito13)
5. Espírito colectivo (sujeito15)
6. Espírito de grupo (sujeito19)
7. Moldarem-se uns aos outros; Tem que se adaptar aos membros; Espírito de unanimidade (sujeito20)
8. Muito espírito de equipa (sujeito29)
9. Espírito de grupo (sujeito31)
10. Colectivismo (sujeito37)
11. Associativismo (sujeito40)
12. Espírito de grupo; Corporativos (sujeito44)
13. Identificação dos indivíduos com o grupo em todos os níveis da sua vida (família, grupo de amigos) (sujeito56)
14. Agir em grupo (sujeito57)

Conceito: Criativos/Inovadores

N. evocações: 18

N. de conceitos agrupados: 11

1. Criativos (sujeito 2)
2. Inovação (sujeito 10)
3. Criatividade; Originalidade (sujeito 13)
4. Criativos; Inovadores (sujeito 17)
5. Originalidade; Criatividade (sujeito 21)
6. Criativos (sujeito 27)
7. Inovadoras; Criativos (sujeito 29)
8. Exploradores (sujeito 41)
9. Com imaginação (sujeito 42)
10. Cheios de ideias; Ideias inovadoras (sujeito 45)
11. Criativos; Originais (sujeito 50)
12. Criativos (sujeito 54)

Conceito: Dinamismo/Activos

N. evocações: 15

N. de conceitos agrupados: 6

1. Dinâmicos; Activo (sujeito 2)
2. Dinâmicos; Flexíveis (sujeito 11)
3. Activos (sujeito 17)
4. Activos (sujeito 30)
5. Activos (sujeito 39)
6. Dinâmicos; Com muita energia; Interactivos (sujeito 41)
7. Dinâmicas (sujeito 42)
8. Versáteis (sujeito 50)
9. Dinamismo (sujeito 52)
10. Dinâmicos; Activos (sujeito 54)

Conceito: Motivados

N. evocações: 12

N. de conceitos agrupados: 11

1. Motivados (sujeito 1)
2. Entusiastas (sujeito 4)
3. Entusiasmados; Efervescentes (sujeito 9)
4. Aficionados (sujeito 15)
5. Motivação (sujeito 16)
6. Emoções fortes (sujeito 21)
7. Grande gosto pela própria modalidade de desporto (sujeito 26)
8. Motivados (sujeito 27)

(cont.)

9. Se motiva (sujeito 28)
 10. Entusiasmo (sujeito 29)
Motivação para apoiar o clube em qualquer circunstância (sujeito 48)
-

Conceito: Amigos/Companheirismo

N. evocações: 12

N. de conceitos agrupados: 5

1. Companheirismo (sujeito 7)
2. Amizade (sujeito 12)
3. Amigáveis (sujeito 18)
4. Companheiros (sujeito 22)
5. Companheirismo (sujeito 23)
6. Amigos (sujeito 32)
7. Amigos (sujeito 33)
8. Companheirismo (sujeito 38)
9. Companheirismo (sujeito 40)
10. Amigos; Companheiros (sujeito 41)
11. Amigas (sujeito 47)

Conceito: Determinados/Com garra

N. evocações: 11

N. de conceitos agrupados: 8

1. Decididos (sujeito 13)
2. Garra (sujeito 14)
3. Pessoas com grande capacidade de luta (sujeito 20)
4. Determinação; Garra; Vontade de vencer (sujeito 23)
5. Determinados (sujeito 27)
6. Determinados (sujeito 44)
7. Cheios de força para lutarem por uma causa que consideram justa (sujeito 45)
8. Garra (sujeito 48)
9. Não olham a meios para defender isso sendo a sua causa um ideal para eles (sujeito 59)

Conceito: Alegres

N. evocações: 11

N. de conceitos agrupados: 8

1. Alegria; Humor (sujeito 21)
2. Alegria (sujeito 29)
3. Alegres; Divertidos (sujeito 41)
4. Divertidos; Extrovertidos (sujeito 42)
5. Vivacidade (sujeito 48)
6. Animação (sujeito 49)
7. Eufóricos (sujeito 51)
8. Alegres (sujeito 58)

Conceito: Fanatismo

N. evocações: 11

N. de conceitos agrupados: 6

1. Fanáticos (sujeito 9)
2. Fanatismo (sujeito 14)
3. Fanatismo (sujeito 21)
4. Fanatismo (sujeito 26)
5. Fanatismo (sujeito 34)
6. Fanatismo (sujeito 37)
7. Devoção ao clube (sujeito 48)
8. Fundamentalismo (sujeito 53)
9. Fanatismo; Extremismo ideológico; Fidelidade ao clube acima de tudo (sujeito 57)

Conceito: Interesse

/Preocupação/Atento/Dedicação aos outros

N. evocações: 10

N. de conceitos agrupados: 8

1. Preocupados (sujeito 1)
2. Interesse (sujeito 14)
3. Preocupação; Interessados (sujeito 17)
4. Dedicação (sujeito 20)
5. Preocupados (sujeito 33)
6. Interesse (sujeito 45)
7. Atentos (sujeito 50)
8. Dedicação à comunidade ou religião (sujeito 52)
9. Fazem trabalhos ou ações para ajudar a comunidade (sujeito 58)

Conceito: Esforço/Empenho/Trabalhador

N. evocações: 10

N. de conceitos agrupados: 5

1. Esforçados; Empenhados (sujeito 1)
2. Esforço (sujeito 10)
3. Esforço (sujeito 23)
4. Trabalhadores; Empenhados; Esforçados (sujeito 33)
5. Compromisso (sujeito 38)
6. Esforçados (sujeito 39)
7. Empenhados (sujeito 54)

Conceito: Voluntarismo/prestável/disponibilidade (cont.)

N. evocações: 8

N. de conceitos agrupados: 6

1. Voluntários (sujeito 6)
2. Prestáveis (sujeito 18)
3. Disposição para colaborar com os outros (sujeito 24)
4. Voluntarismo (sujeito 35)

5. Voluntarismo (sujeito 36)
 6. Disponibilidade (sujeito 38)
 7. Prestáveis (sujeito 47)
 - Prestativos (sujeito 52)
-

Conceito: Empreendedores/Iniciativa

N. evocações: 8

N. de conceitos agrupados: 4

1. Capacidade de resolução de problemas práticos (sujeito 3)
2. Empreendedores (sujeito 6)
3. Capazes de pôr os projectos em marcha (sujeito 27)
4. Empreendedores (sujeito 39)
5. Com Iniciativa (sujeito 41)
6. Iniciativa (sujeito 42)
7. Empreendedores (sujeito 50)
8. Empreendedores (sujeito 54)

Conceito: Solidariedade

N. evocações: 8

N. de conceitos agrupados: 2

1. Solidários (sujeito 1)
2. Solidariedade (sujeito 16)
3. Solidários (sujeito 18)
4. Solidariedade (sujeito 32)
5. Solidariedade (sujeito 38)
6. Solidárias com os outros (sujeito 47)
7. Solidários (sujeito 50)
8. Solidariedade (sujeito 52)

Conceito: Submissos

N. evocações: 8

N. de conceitos agrupados: 8

1. Conformistas; Pessoas com muitos valores e normas morais implícitas da cultura em que vivem (sujeito 30)
2. Submissos (sujeito 31)
3. Manipulado pelos seus líderes (sujeito 36)
4. Determinismo (53)
5. Influenciáveis e controlados pelas religiões, clubes, políticos (sujeito 55)
6. Seguidismo cego (sujeito 57)
7. Presos (sujeito 60)

Conceito: Agressivos

N. evocações: 8

N. de conceitos agrupados: 2

1. Agressividade (sujeito 19)
2. Agressivos (sujeito 31)
3. Agressivos (sujeito 34)
4. Agressivos fisicamente; Agressivos verbalmente (sujeito 43)
5. Agressivos (sujeito 46)
6. Agressivos (sujeito 51)
7. Agressividade (sujeito 53)

Conceito: Altruístas

N. evocações: 7

N. de conceitos agrupados: 5

1. Altruístas (sujeito 1)
2. Altruístas (sujeito 33)
3. Altruísmo (sujeito 38)
4. Generosos (sujeito 39)
5. Altruísmo; Generosidade (sujeito 52)
6. Preocupados com a comunidade/sociedade em geral (sujeito 54)

Conceito: Coesão

N. evocações: 7

N. de conceitos agrupados: 3

1. Coesão (sujeito 13)
2. Coesão (sujeito 14)
3. Coesão; Partilham os mesmos ideais (sujeito 19)
4. Têm um objectivo comum (sujeito 22)
5. Coesão (sujeito 28)
6. Coesão grupal (sujeito 56)

Conceito: Apoio

N. evocações: 7

N. de conceitos agrupados: 4

1. Apoio (sujeito 7)
2. Apoio ao clube; Disponibilidade para seguir o seu clube para qualquer lado (sujeito 21)
3. Apoiantes da sua equipa (sujeito 23)
4. Apoia o seu clube (sujeito 28)
5. Apoiar a sua equipa (sujeito 36)
6. Apoio aos membros do grupo (sujeito 43)

Conceito: Simpáticos

N. evocações: 6

N. de conceitos agrupados: 3

1. Simpáticos; Acolhedores (sujeito 2)
 2. Simpáticas (sujeito 8)
 3. Simpáticos (sujeito 41)
 4. Simpatia (sujeito 49)
 5. Simpáticos (sujeito 50)
-

Conceito: Persistência

N. evocações: 6

N. de conceitos agrupados: 4

1. Persistência (sujeito20)
2. Persistentes; Perseverantes (sujeito27)
3. Persistência; Não desistem de apoiar a equipa em nenhuma situação (sujeito29)
4. Persistência (sujeito48)

Conceito: Instabilidade/Impulsivos

N. evocações: 5

N. de conceitos agrupados: 3

1. Ausência de controlo (sujeito9)
Instabilidade (sujeito10)
2. Demasiado impulsivos (sujeito19)
3. Instabilidade (sujeito21)
4. Impulsivo (sujeito51)

Conceito: Sociáveis

N. evocações: 5

N. de conceitos agrupados: 3

1. Pessoas sociáveis (sujeito8)
2. Socialmente competentes (sujeito11)
3. Sociáveis (sujeito18)
4. Participação social (sujeito35)
5. Sociáveis (sujeito58)

Conceito: Humanos/Boa vontade/Caridade/Bondade

N. evocações: 5

N. de conceitos agrupados: 5

1. Humanistas (sujeito 30)
2. Boa vontade; Humanos (sujeito32)
3. Movidos por boas acções (sujeito44)
4. Caridade (sujeito 52)

Conceito: Convicção

N. evocações:4

N. de conceitos agrupados: 4

1. Acreditam em algo (sujeito27)
2. Convicção (sujeito29)
3. Persuasivos (sujeito51)
4. Defendem aquilo em que acreditam (sujeito59)

Conceito: Comunicativos

N. evocações: 4

N. de conceitos agrupados: 3

1. Boa argumentação (sujeito3)
2. Comunicativos (sujeito4)
3. Comunicação do grupo (sujeito13)
Comunicativos (sujeito17)

Conceito: Desportivismo

N. evocações:4

N. de conceitos agrupados: 3

1. Desportivismo (sujeito7)
2. Com fair-play (sujeito26)
3. Fair-play; Pessoas que apoiam a sua equipa mas nunca desrespeitando as outras equipas (sujeito29)

Conceito: Delinquência

N. evocações: 4

N. de conceitos agrupados: 4

1. Delinquência (sujeito 12)
2. Distúrbios (sujeito 21)
3. Delinquentes (sujeito 51)
4. Desordeiros (sujeito 55)

Conceito: Orgulho

N. evocações:3

N. de conceitos agrupados: 2

1. Orgulho (sujeito4)
2. Vaidade (sujeito12)
3. Orgulho (sujeito14)

Conceito: Organizados

N. evocações:3

N. de conceitos agrupados: 3

1. Organizados; Funcionais (sujeito 11)
2. Planeamento (sujeito 13)

Conceito: Mal Educados

N. evocações: 3

N. de conceitos agrupados: 2

1. Mal-educados (sujeito 46)
2. Mal-educados; Rudes (sujeito 51)

Conceito: Cooperantes

N. evocações:3

N. de conceitos agrupados: 3

1. Cooperantes (sujeito22)
2. Cooperação; Inter-ajuda (sujeito49)

Conceito: Violência

N. evocações: 3

N. de conceitos agrupados: 3

1. Violência (sujeito 28)
2. Violentos (sujeito 46)
3. Arruaceiros (sujeito 60)

Conceito: Paixão

N. evocações:3

N. de conceitos agrupados: 1

1. Paixão (sujeito5)
 2. Paixão (sujeito21)
 3. Paixão (sujeito23)
-

<p>Conceito: Participativos</p> <p>N. evocações: 3</p> <p>N. de conceitos agrupados: 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Participativos (sujeito17) 2. Participativos (na actividade que cooperam) (sujeito22) 3. Participativos (sujeito54) 	<p>Conceito: Tradicionalistas</p> <p>N. evocações: 3</p> <p>N. de conceitos agrupados: 3</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Defensores dos núcleos familiares tradicionais; Ideias tradicionais pessoas com muitos valores e normas morais implícitas da cultura em que vivem (sujeito30) 2. Querem manter viva a sua região e algumas tradições (sujeito45)
<p>Conceito: Vestuário igual</p> <p>N. evocações: 3</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tipo de vestuário igual (sujeito19) 2. Roupas específicas (sujeito24) 3. Roupas específicas (sujeito25) 	<p>Conceito: Honestos</p> <p>N. evocações: 3</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Honestos com os membros do grupo (sujeito15) 2. Honestos (sujeito18) 3. Sinceridade (sujeito32)
<p>Conceito: Protecção</p> <p>N. evocações: 3</p> <p>N. de conceitos agrupados: 3</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sentido de protecção; ser protegido; defensores (sujeito31) 	<p>Conceito: Masculinidade/Musculados</p> <p>N. evocações:2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Musculados (sujeito46) 2. Masculinidade (sujeito53)
<p>Conceito: Baixo nível académico</p> <p>N. evocações:2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Baixo nível académico (sujeito46) 2. Formação escolar deficiente (sujeito55) 	<p>Conceito: Responsáveis</p> <p>N. evocações:2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Responsáveis (sujeito 11) 2. Responsáveis (sujeito 33)
<p>Conceito: Corajosos/Destemidos</p> <p>N. evocações: 2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Destemidos (sujeito4) 2. Corajosos (sujeito45) 	<p>Conceito: Líderes/liderança</p> <p>N. evocações: 2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Liderança (sujeito6) 2. Líderes (sujeito20)
<p>Conceito: Força</p> <p>N. evocações: 2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Força (sujeito 19) 2. Força (sujeito 31) 	<p>Conceito: Patriotas/Nacionalismo</p> <p>N. evocações: 2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Patriotas (sujeito 4) 2. Nacionalismo (sujeito 34)
<p>Conceito: Lealdade</p> <p>N. evocações: 2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Leais (à terra ou comunidade) (sujeito2) 2. Lealdade (sujeito15) 	<p>Conceito: Crença nos jogadores</p> <p>N. evocações:2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Crença nos jogadores (sujeito 48) 2. Incentivar / motivar os jogadores (sujeito 57)
<p>Conceito: Barulhentos</p> <p>N. evocações:2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Barulhentos (sujeito 56) 2. Barulhentos (sujeito 57) 	<p>Conceito: Independência</p> <p>N. evocações:2</p> <p>N. de conceitos agrupados: 2</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Independência (sujeito 10) 2. Espírito livre (sujeito 20)

**Conceitos enumerados apenas
uma vez:**

1. Desconstracção (sujeito 3)
2. Respeito (sujeito 7)
3. Competitivas (sujeito 8)
4. Necessidade de identificação (sujeito 10)
5. Irreverência (sujeito 10)
6. Desocupados (sujeito 11)
7. Estranheza com pessoas de fora (sujeito 12)
8. Reticentes à entrada de novos membros no grupo (sujeito 15)
9. Educação familiar (sujeito 16)
10. Educação escolar (sujeito 16)
11. Valorização dos mesmos (sujeito 16)
12. Desenvolver competências dos outros (sujeito 16)
13. Serem quase todos do mesmo grupo etário (sujeito 19)
14. Revolta (sujeito 19)
15. Frustração (sujeito 19)
16. Aventura (sujeito 20)
17. Podem existir divergências entre os elementos (sujeito 20)
18. Introversos (sujeito 24)
19. "Despique entre as outras claques" (sujeito 43)
20. Compreensão (sujeito 49)
21. Personalidade débil (sujeito 55)
22. Fracos recursos económicos (sujeito 55)
23. Perda de identidade individual quando no grupo (sujeito 56)
24. Ódio pelos contrários (sujeito 57)

(cont.)

25. Maior moralidade (sujeito 25)
 26. Maior educação (sujeito 25)
 27. Menor abertura a diferenças religiosas (sujeito 25)
 28. Menor popularidade no contexto em que se inserem (sujeito 25)
 29. Sem fair-play (sujeito 26)
 30. Idealismo futebolístico (sujeito 26)
 31. Preferencialismo hereditário considerável (sujeito 26)
 32. Uma segunda família (sujeito 28)
 33. Idealistas (sujeito 30)
 34. Gostam de contactar com os outros, embora por vezes em benefício próprio (sujeito 30)
 35. Cantores (sujeito 31)
 36. Católicos (sujeito 32)
 37. Hooligans (sujeito 34)
 38. Skinheads (sujeito 34)
 39. Castigados (sujeito 39)
 40. Espírito crítico (sujeito 42)
 41. Grupos "bons" (sujeito 58)
 42. Conviver mais uns com os outros (sujeito 58)
 43. Pretos (sujeito 60)
 44. Gunas (sujeito 60)
 45. Estudantes (sujeito 60)
 46. No Benfica, os name boys (sujeito 60)
-

Anexo 3

Conceitos agrupados após procedimentos de sinonímia e acordo de juízes

<i>Característica</i>	Σ	<i>M (= %)</i>	Grupo de Jovens	Claques
1. Unidos	18	.30	.27(8)	.33(10)
2. Espírito de grupo	14	.23	.10(3)	.37(11)
3. Criativos / Inovadores	12	.20	.27(8)	.13(4)
4. Amigos / Companheiros	11	.18	.20(6)	.17(5)
5. Motivados	11	.18	.13(4)	.23(7)
6. Dinâmicos / Activos	10	.17	.30(9)	.03(1)
7. Determinados / Com garra	9	.15	.13(4)	.17(5)
8. Interessados / Preocupados	9	.15	.23(7)	.07(2)
9. Fanáticos	9	.15	-	.30(9)
10. Empreendedores / Com iniciativa	8	.13	.23(7)	.03(1)
11. Alegres	8	.13	.10(3)	.17(5)
12. Voluntários / Disponíveis / Prestáveis	8	.13	.23(7)	.03(1)
13. Solidários	8	.13	.27(8)	-
14. Esforçados / Empenhados / Trabalhadores	7	.12	.20(6)	.03(1)
15. Submissos	7	.12	.03(1)	.20(6)
16. Agressivos	7	.12	-	.23(7)
17. Altruístas	6	.10	.20(6)	-
18. Coesos	6	.10	-	.20(6)
19. Apoiantes	6	.10	-	.20(6)
20. Sociáveis	5	.08	.13(4)	.03(1)
21. Instáveis / Impulsivos	5	.08	.03(1)	.13(4)
22. Simpáticos	5	.08	.10(3)	.07(2)
23. Comunicativos	4	.07	.07(2)	.07(2)
24. Convictos	4	.07	.07(2)	.07(2)
25. Delinquentes	4	.07	.03(1)	.10(3)
26. Humanos / Com boa vontade / Caridosos / Bondosos	4	.07	.13(4)	-
27. Persistentes	4	.07	.03(1)	.10(3)
28. Honestos	3	.05	.10(3)	-
29. Vestuário igual	3	.05	.07(2)	.03(1)
30. Participativos	3	.05	.07(2)	.03(1)
31. Violentos	3	.05	-	.10(3)
32. Apaixonados	3	.05	-	.10(3)
33. Orgulhosos	3	.05	.03(1)	.07(2)
34. Desportistas	3	.05	-	.10(3)
35. Independentes	2	.03	.03(1)	.03(1)
36. Cooperantes	2	.03	.03(1)	.03(1)
37. Líderes	2	.03	.03(1)	.03(1)
38. Tradicionalistas	2	.03	.07(2)	-
39. Corajosos / Destemidos	2	.03	.03(1)	.03(1)
40. Crentes nos jogadores	2	.03	-	.07(2)
41. Barulhentos	2	.03	-	.07(2)
42. Organizados	2	.03	.03(1)	.03(1)
43. Leais	2	.03	.07(2)	-
44. Responsáveis	2	.03	.07(2)	-
45. Baixo nível académico	2	.03	-	.07(2)
46. Masculinos / Musculados	2	.03	-	.07(2)
47. Mal-educados	2	.03	-	.07(2)
48. Força	2	.03	-	.07(2)
49. Patriotas / Nacionalistas	2	.03	-	.07(2)
50. Com menor popularidade	1	.02	.03(1)	-

Característica	Σ	M (= %)	Grupo de Jovens	Claques
51. Com menor abertura religiosa	1	.02	.03(1)	-
52. Com maior educação	1	.02	.03(1)	-
53. Com maior moralidade	1	.02	.03(1)	-
54. Irreverentes	1	.02	.03(1)	-
55. Com necessidade de identificação	1	.02	.03(1)	-
56. Descontraídos	1	.02	.03(1)	-
57. Castigados	1	.02	.03(1)	-
58. Despiques	1	.02	-	.03(1)
59. Compreensivos	1	.02	.03(1)	-
60. Respeitosos	1	.02	-	.03(1)
61. Conviventes uns com os outros	1	.02	.03(1)	-
62. Perda de identidade	1	.02	-	.03(1)
63. Segunda família	1	.02	-	.03(1)
64. Divergências entre os elementos	1	.02	-	.03(1)
65. Católicos	1	.02	.03(1)	-
66. Name Boys	1	.02	-	.03(1)
67. Estudantes	1	.02	-	.03(1)
68. Gunas	1	.02	-	.03(1)
69. Pretos	1	.02	-	.03(1)
70. Grupos "bons"	1	.02	.03(1)	-
71. Ódio pelos contrários	1	.02	-	.03(1)
72. Fracos recursos económicos	1	.02	-	.03(1)
73. Personalidade débil	1	.02	-	.03(1)
74. Espírito crítico	1	.02	.03(1)	-
75. SkinHeads	1	.02	-	.03(1)
76. Hooligans	1	.02	-	.03(1)
77. Contactar com os outros	1	.02	.03(1)	-
78. Idealistas	1	.02	.03(1)	-
79. Preferência hereditária	1	.02	-	.03(1)
80. Idealismo Futebolístico	1	.02	-	.03(1)
81. Sem fair-play	1	.02	-	.03(1)
82. Introversos	1	.02	.03(1)	-
83. Aventureiros	1	.02	-	.03(1)
84. Frustrados	1	.02	-	.03(1)
85. Revoltosos	1	.02	-	.03(1)
86. Mesmo grupo etário	1	.02	-	.03(1)
87. Desenvolver competências dos outros	1	.02	.03(1)	-
88. Valor próprio	1	.02	.03(1)	-
89. Educação escolar	1	.02	.03(1)	-
90. Educação familiar	1	.02	.03(1)	-
91. Reticentes à entrada de novos membros	1	.02	.03(1)	-
92. Estranheza com os outros	1	.02	.03(1)	-
93. Desocupados	1	.02	.03(1)	-
94. Competitivas	1	.02	-	.03(1)
95. Cantores	1	.02	-	.03(1)
96. Sentido de protecção	1	.02	-	.03(1)

Anexo 4

Versão de Questionário utilizado no Estudo 2

Relativamente às mesmas características que lhe apresentamos anteriormente, queremos que nos indique como avalia, em termos gerais, cada uma delas.

Coloque uma cruz (☒) no ponto da escala que melhor traduz a sua opinião. A escala tem 9 pontos e varia entre “Extremamente negativa” e “Extremamente positiva”. Quanto mais considerar que se trata de uma característica positiva, mais à direita deve colocar a cruz; quanto mais considerar que se trata de uma característica negativa, mais à esquerda a deve colocar.

<i>Sermos _____ é:”</i>	Extremamente negativo									Extremamente positivo
Unidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Submissos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoiantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dinâmicos/Activos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Amigos/Companheiros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agressivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empreendedores/Com iniciativa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Disponíveis/Prestáveis/Voluntários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Motivados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criativos/Inovadores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Coesos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Solidários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com espírito de grupo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Determinados/ Com garra	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Altruístas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alegres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Esforçados/ Empenhados/ Trabalhadores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fanáticos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela sua colaboração.